

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2012

ALUNO PORTUGUÊS VENCE CONCURSO DE LATIM EM ITÁLIA

António Gil da Silva Cucu, de 16 anos de idade, frequenta o 11.º ano de escolaridade do Curso de Línguas e Humanidades, na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, no Porto, e venceu, na manhã de domingo do passado dia 6 de maio, em Venosa, o *XXVI Certamen Horatianum*.

Organizado, desde 1987, pelo Liceo Classico Statale “Quinto Orazio Flacco”, o prestigiado concurso decorreu nos dias 4, 5 e 6 de maio, tendo participado 125 escolas italianas e 5 estrangeiras (da Áustria, Bulgária, Croácia, Roménia e de Portugal). Em homenagem ao poeta venusino, a competição destina-se a estudantes que frequentam o penúltimo ano de escolaridade de liceus clássicos italianos e de escolas secundárias estrangeiras que integrem, na sua oferta formativa, o ensino do latim.

A prova consiste na tradução e no comentário linguístico e histórico-literário de um ou mais extratos da obra de Horácio, um dos poetas mais notáveis da literatura latina, que, a par de Virgílio, seu contemporâneo, maior influência exerceu nas literaturas modernas, depois do século XV.

Devido aos diferentes programas didáticos, o regulamento prevê, desde 2009, textos distintos para alunos italianos e estrangeiros: este ano, aos primeiros, coube em sorte um extrato da *Arte Poética* (v. 73-113), enquanto aos segundos, a ode II, 5, na qual o poeta, em jeito de conselho a um amigo, lhe pede paciência amorosa com a jovem Lálage, ainda imatura para buscar, sem pudor, o seu marido.

Com a vitória de António Gil, Portugal inscreveu o seu nome na galeria de honra do *Certamen Horatianum*, a par da Bulgária, Roménia, Alemanha e Áustria, sendo os dois últimos países os que, entre si, repartem o maior número de triunfos estrangeiros. O feito alcançado premeia o esforço exemplar de um aluno que, com apenas dois anos de latim, venceu estudantes que gozam de quatro e mais anos de aprendizagem da língua do Lácio, numa prova inequívoca de que nem sempre o que parece é.

A desvalorização, porém, da disciplina de Latim (para já não falar da de Grego) na estrutura curricular do ensino secundário envergonha Portugal e os professores portugueses, quando confrontados com a realidade educativa da maioria dos países europeus: aí, o Latim é uma disciplina obrigatória com vários anos de aprendizagem; por cá, confina-se praticamente, como disciplina opcional, ao 10.º e 11.º anos de escolaridade. A bem do sistema

educativo português, urge, por isso, que se faça uma reflexão, profunda e pedagogicamente séria, acerca do ensino do latim, que nunca poderá andar arredada do aumento do número de anos de aprendizagem e de um novo programa, ajustado a esse percurso formativo.

O latim, com o prémio orgulhosamente conquistado em Venosa, acaba por elevar bem alto o nome do país, que, por ironia, tão mal o tem tratado, em nome não se sabe bem do quê, mas da educação não é com certeza.

JORGE MORANGUINHO

EM VENOSA

Em Venosa, um mundo diferente. Já estou acostumado, em Portugal, aos olhares de dúvida e gozo, quando digo que estudo latim. “Isso não serve para nada”, e eu vou encolhendo os ombros. Em Venosa, tornou-se a coisa mais comum do mundo: italianos, búlgaros, austríacos e outros, todos estudam latim, como se de francês ou alemão se tratasse. Se, por um lado, fiquei contente, ao ver este diferente tratamento das clássicas, a banalização profunda do estudo do latim e do grego desapontou-me, pelo que, esperando uma certa atitude entusiástica, apenas tive um contacto mais intelectual com um dos alunos austríacos, o único com quem pude falar, de facto, em latim.

Venosa é uma vila que não chega a ser uma cidade por não ter mais espaço por onde crescer: a época do concurso deve ser a altura do ano que traz mais turistas ao lugar. Queixamo-nos bastante da questão cultural em Portugal e da degradação do património; pude, todavia, verificar que o mesmo se passa em Itália: visitei um museu, em Melfi, cidade vizinha de Venosa, e fascinei-me com a cópia de artefactos do neolítico, vasos e objectos dos gregos que há muito habitaram a Itália, objectos romanos e medievais, todo um património histórico desconhecido pela maioria dos italianos, tudo num castelo-museu que apenas conta com espaçadas visitas de alguns turistas mais curiosos.

Se já, durante a minha preparação para o concurso, eu tive sempre em mente que a possibilidade de ganhar, não sendo inexistente, era muito reduzida, o choque de Venosa veio acentuar mais esse sentimento. Eram pessoas com o dobro e triplo de anos de latim que eu tenho: embora os